



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Santo Antônio de Lisboa (Portugal) e de Borba (Amazonas): entre o rito e o teatro em espaços públicos

Devoção e festa

Esta comunicação de pesquisa tem como tema a comparação entre as formas de devoção e festa associadas a Santo Antônio na cidade de Borba, município do Estado do Amazonas, Brasil, e em Lisboa, Portugal, cidade natal de Fernando Martim de Bulhões y Taveira Azevedo (Santo Antônio).

Priorizamos para estudo diferentes aspectos culturais relacionados às festas e devoções a Santo Antônio, que tem como ponto culminante o dia 13 de junho, data alusiva à morte do santo falecido em Pádua, na Itália, com 36 anos de idade, em 13 de junho de 1231. Um santo de duas pátrias, pois nasceu em Lisboa no ano de 1195, filho de uma família rica desta cidade. Dedicou-se aos estudos bíblicos e desempenhou durante dez anos as funções de cônego regular em Portugal. Pertenceu a ordem dos franciscanos desenvolvendo amizade pessoal com São Francisco de Assis, este com forte sensibilidade para os problemas e realidades dos cristãos pobres.

Com 25 anos de idade partiu para o Marrocos movido pelo intento de cristianização dos muçulmanos, o que lhe conferiu uma vida relativamente curta, porém devotada ao catolicismo. Retornou à Itália muito doente, após ter contraído malária em sua cruzada espiritual, padecendo muitos anos enfermo e tendo os seus últimos dias de vida no convento de Arcella em Pádua. Foi declarado santo menos de um ano decorrido sobre a sua morte, em 30 de maio de 1232 (11 meses e 17 dias após a sua morte). Uma das poucas situações de canonização rapidamente reconhecida pela igreja católica (Milton, 2002: 127-129).

Conhecido no imaginário popular como “santo casamenteiro”, pela habilidade exercida na conciliação de casais, “santo de todas as necessidades”, pela atenção dispensada aos mais necessitados, apresenta-se vestido com hábito franciscano levando no braço a imagem do Menino Jesus e no outro um lírio como sinal de pureza espiritual.

Um dos costumes associados ao santo é a distribuição de pães aos pobres, que teve a sua origem em uma senhora francesa, Luisa Bouffier, de Toulon na França, cuja promessa estaria relacionada à abertura de estabelecimento comercial, ficando a dádiva como ex-voto dedicado ao Santo (Marino, 1996: 127-129).

Mas esta não é a única versão sobre a origem da distribuição dos pães como agradecimento a Santo Antônio. Bertelli (2007: 60) faz referência a outra



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

situação, conta que “sua origem remonta ao fato de ter distribuído aos pobres todo o pão do convento em que vivia, deixando em apuros o encarregado de distribuí-lo aos frades, na hora da refeição. O padeiro julgou ter sido vítima de roubo e contou a frei Antônio o ocorrido. Este o mandou verificar melhor o lugar onde havia colocado os pães. Para surpresa de todos, os cestos estavam tão abarrotados que foi possível alimentar os frades e os pobres da região”.

Devoção a Santo Antônio no Brasil

Ronaldo Vainfas (2000) observa que as devoções aos santos católicos no Brasil foram introduzidas pelas missões religiosas, que desde os primeiros séculos de colonização associaram catolicismo com práticas populares. Dentre os muitos santos católicos que foram incorporados à religiosidade popular brasileira, podem-se destacar Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida, São Benedito, São João, Santo Antônio e outros mais.

No Brasil, o sincretismo das religiões de matriz africana com os santos católicos, como no candomblé baiano, tem associado Santo Antônio ao orixá Ogum, senhor da guerra e da metalurgia, provavelmente pela cruzada espiritual empreendida por este Santo no norte da África (Marrocos).

Luiz Mott (2005) ressalta na fé popular devotada a Santo Antônio, desde o Brasil Colônia, dois atributos, o de restituir as coisas perdidas, chamado pelo jesuíta e orador Antônio Vieira de “deparador”, “que encontra o perdido” e o espírito de guerreiro e soldado associado à defesa do Estado Português e Brasileiro.

São muitos os relatos históricos em que Santo Antônio combatera ao lado de soldados, inclusive alcançando posto militar. Conforme Mott (2005: 120), “sua mais venerada estátua no Rio de Janeiro, a do convento franciscano do largo da Carioca, recebeu em 1705 o bastão de comando do governador da colônia do Sacramento, Sebastião Veiga Cabral, em gratidão por ter protegido os seiscentos homens de sua guarnição quando sitiados durante seis meses por seis mil soldados espanhóis apoiados por navios de guerra”.

Outra situação mencionada por Mott (2005: 124), refere-se à instituição de Capitão-do-mato na qual ao Santo se conferia a tarefa de captura e restituição ao senhor de escravos fugidos. Mencione-se, neste caso, quando “poderosa força armada partiu do Recife para desbaratar o quilombo de Palmares, o governador João da Cunha Souto Maior, por portaria de 13 de setembro de 1685, mandou alistar o glorioso santo Antônio como praça do exército, pagando ao síndico do convento de Olinda o soldo a que tinha direito”. Nas palavras de Pereira da Costa (in Mott, 2005: 124), “efetivamente partiu Santo Antônio para a guerra dos Palmares, acaso confiada a sua imagem a frei André da Anunciação, religioso



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

franciscano, que marchou como capelão, e somente regressou quando terminou a campanha, com a completa destruição da famosa república palmarina, a Tróia negra”

Charles Wagley (1988: 204), em estudo realizado na comunidade de Itá (ou Gurupá), no baixo Amazonas, em fins da década de quarenta do século passado, deu atenção especial à festa de Santo Antônio realizada anualmente no lugar. Naquela época, identificara a festa como um elemento de agregação das pessoas da comunidade e de comunidades vizinhas, com práticas tradicionais de levantamento do mastro, de orações ao cair da tarde durante a novena (ou trezena, no caso de Santo Antônio), de danças, da procissão náutica da “meia-lua”, das representações do grupo da folia defronte de cada casa e do corte do mastro votivo e da limpeza das casas. Chama à atenção, entretanto, para o controle exercido pela igreja católica sobre a festa, contribuindo para abreviar e não raro suprimir muitas dessas manifestações tradicionais devotadas ao santo.

De fato, não há como dissociar a consolidação histórica do catolicismo no Brasil e na Amazônia, sem fazer referência às formas populares como se viveu a crença cristã e a fé devotada aos santos populares católicos, cuja tradição remonta sobretudo à península ibérica.

Santo Antônio padroeiro de Lisboa

Em Lisboa, as homenagens a Santo Antônio envolvem várias festividades, entre as quais, o desfile das Marchas de diferentes bairros da cidade, na noite do dia 12 de junho na avenida da Liberdade e arraial e procissão no bairro da Alfama, no dia 13 de junho, data de morte do Santo.

Nestes dias os arraiais localizados na Alfama e em outros bairros lisboetas, como o Castelo, da Bica e Mouraria atingem o ápice das comemorações, com muito vinho, cerveja, sardinha assada com pão e “manjericos”, estes constituídos de réplicas de cravos (flôr) de diferentes cores, confeccionados em papel de seda, cuja haste na parte superior é colado um bilhete em forma de verso e em tom jocoso, como o seguinte exemplo: “Manjerico com um cravo/ E um verso acompanhar.../ Acho que nada mais falta/ Prá nosso amor começar”.

As Marchas dos bairros de Lisboa existem desde 1937, uma tradição herdada do Estado Novo que se modificou ao longo do tempo, incorporando elementos artísticos e satíricos. Cada bairro se encarrega de construir um enredo envolvendo letra e música, alegorias e coreografias com vistas a dar visibilidade a elementos característicos do próprio bairro.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

António Firmino da Costa (1999) em estudo feito sobre os desfiles das marchas no período de 1932 a 1997, num total de trinta e duas edições, ressalta que o bairro da Alfama sagrou-se sete vezes campeão, e nas demais edições frequentemente ocupou posições próximas às primeiras colocações. Nem todos os bairros se apresentam nas Marchas de Lisboa, segundo o mesmo autor, há uma média de dezoito a dezenove bairros que se apresentam anualmente, incluindo a Marcha do Mercado da Ribeira que não constitui propriamente um bairro.

No bairro da Alfama, o patrimônio histórico edificado e as paisagens festivas e religiosas de uma época que se atualizam no presente, a cidade como palco materializada nesta “sociedade de bairro” (Firmino da Costa, 1999), constituem referência para o imaginário dos sujeitos que nela vivem e visitam o bairro. Ao mesmo tempo, que essas mesmas imagens justificam os eventos (arraiais e procissão) com o próprio peso que emprestam do passado (Connerton, 1999).

Quanto à procissão, desde as primeiras horas da manhã se observa uma multidão de fiéis que visitam a igreja de Santo Antônio, bem como a Catedral da Sé que fica muito próxima. Orações, pagamento de promessas, acendimento de velas, depósito de flores junto a imagem de Santo Antônio que fica na parte externa da igreja constituem atividades constantes até o momento de saída da procissão, cujo início é à meia tarde.

Impressiona muito o comércio de artigos religiosos que se encontra entre a igreja de Santo Antônio e a Catedral da Sé. Muitos vendedores ambulantes são migrantes, entre os quais brasileiros, angolanos, mas também portugueses que não vendem somente artigos religiosos relacionados a Santo Antônio, mas também artigos mágicos como sabonetes de glicerina fragrância “canela” para “atrair dinheiro, bons fluídos e paz”, de “alecrim” para atrair “bons estímulos, proteção e limpeza”, defumadores, amuletos como “olho turco” para “afastar mau olhar”, sementes de “tento” (*Ormosia* sp.) vermelho e preto, planta nativa da Amazônia, com suposto poder ou força espiritual para também afastar malefícios, etc.

A procissão parte da igreja de Santo Antônio em direção a Catedral da Sé, quando então passa a percorrer as muitas ruas do bairro da Alfama, recebendo cada vez mais gente. Muitos moradores ou transeuntes preferem ver passar a procissão, colocando inclusive toalhas nas soleiras das janelas que se abrem para a rua. A procissão dura em média três horas, quando então retorna a igreja de Santo Antônio.

Há espaço também para se aproveitar da procissão com a finalidade de promover denúncias contra a administração municipal, como é o caso do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“Agrupamento 262 de escoteiros da Sé - Lisboa”, que afixara na própria catedral em local visível, para aqueles que integravam a procissão, denúncia pública contra a Câmara de Lisboa, tendo em vista a cobrança de 898,22 euros como taxa para instalação de barraca no arraial da Sé. Fato este que impossibilitara a instalação da referida barraca. Outro caso observado no percurso da procissão, no chamado “Beco do vigário”, foi uma manifestação de moradores da Alfama, empunhando faixas e cartazes para denunciar as altas taxas cobradas sobre “licenças” concedidas pela Câmara de Lisboa. Uma destas faixas dizia o seguinte: “Se a câmara não empatar, isto é capaz de andar”. É importante ressaltar, que o bairro da Alfama, além de constituir morada de muitos lisboetas é também um local que recebe muitos turistas, que por ele passam diariamente subindo suas ladeiras e escadarias cuja parte alta se avista o rio Tejo e parte da cidade.

Santo Antônio na cidade santuário de Borba

Conta-se que a imagem de Santo Antônio foi trazida por portugueses para a localidade de Santo Antônio das Cachoeiras, localizada no Alto rio Madeira, entre o rio Jamarí e a primeira cachoeira do Madeira, aldeia fundada em 1724 por missionários jesuítas. Segundo a crença, a imagem do Santo descia o rio Madeira em uma jangada e era encontrada em Borba, na beira do rio em meio à lama. Os donos do santo várias vezes resgataram a imagem até que em uma vez a imagem “não quis mais sair ficando presa à raiz de uma árvore”, conhecida na região por Samaumeira.

Conta-se também que Santo Antônio auxiliou as tropas legalistas na defesa da cidade de Borba frente aos Cabanos, na guerra da Cabanagem, contando para isso com o apoio de indígenas e mestiços, bem como negros residentes na cidade que deram origem as primeiras genealogias de famílias borbenses. Fato lembrado com muito orgulho pela população local, que atribui inclusive como graça do Santo o fato de Borba ter resistido às muitas investidas dos Cabanos e nunca ter sido conquistada pelos mesmos.

Um costume em Borba é o de cobrir a imagem de Santo Antônio com um “manto de cédulas” para sair na procissão do dia 13 de junho. Conta-se que esta tradição remonta a um trabalhador vindo do nordeste do Brasil, Zé Pedro, que almejava enriquecer e ofertar como promessa um décimo de sua riqueza à igreja de Santo Antônio em Borba. Ocorreu, entretanto, que Zé Pedro teve a sua fortuna roubada por ladrões, muito embora estes não tenham tirado proveito do roubo por intercessão de Santo Antônio, que apareceu a todos na figura de um padre. A fortuna retornou a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Zé Pedro e a forma como ele pagou a promessa foi confeccionando um “manto de cédulas”, para que o Santo fosse ornado com esta dádiva durante a procissão.

Brincadeira ou brinquedo: jogo e segredo

Em termos estruturais, a figura de Santo Antônio representa para os seus fiéis e adeptos: um modelo moral de vida, auxílio nas questões que envolvem processos de territorialização, mediação de conflitos e assistência aos pobres e necessitados.

Por outro lado, a festa que se realiza em homenagem a Santo Antônio, no espaço público, na praça ou na rua, assume a dimensão de espetáculo e entretenimento agregando inclusive novos públicos e diferentes formas de consumos culturais.

Victor W. Turner (1980, 1988) identifica no ritual uma conduta formal prescrita em ocasiões não dominadas pela rotina tecnológica e relacionadas com a crença em seres ou forças místicas. Para o autor, a metodologia utilizada para a abordagem do discurso ritual deveria considerar três classes de dados: 1) forma externa e características observáveis; 2) interpretações oferecidas por especialistas religiosos e simples fiéis; 3) contextos significativos em grande parte elaborados pelo antropólogo.

Richard Schechner (2000: 89) verifica no teatro três níveis diferentes que operam transformações nos indivíduos: 1) no “drama” ou no “argumento”; 2) nos “atores”, “cuja tarefa especial é experimentar um rearranjo temporário de seus corpos/mentes”, o que o autor convencionou chamar de “transporte”; 3) e no “público, onde a mudança ou “transporte” vivenciados no drama “podem ser passageiros” ou temporários, enquanto “entretenimento”; ou “permanentes”, tratando-se de “ritual”. Para Schechner (2000: 37; 63), o teatro é uma “mistura, uma trama de entretenimento e ritual”. Além disso, para este autor, a “reflexividade do teatro tem se dado junto com a participação do público”.

A nossa hipótese é de que, quanto mais os eventos se apropriam do espaço público, das praças e das ruas, a festa aumenta em escala e frequência de pessoas. Podendo assumir a dimensão de espetáculo, em “reflexividade” de um público que acompanha a apresentação dos produtores culturais, a quem cabe “julgar” o sucesso do que se põe em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cena. Sem necessariamente descartar a dimensão de processo ritual que marcaria permanência de elementos culturais característicos em tais eventos.

Penso que a melhor forma de conjugar rito e teatro nas festas que temos estudado, consistiria em reconhecer nelas a expressão popular de “brincadeira” ou “brinquedo”. Tal como nos ensina Radcliffe-Brown (1973: 116), quando nos diz que: “o parentesco por brincadeira é uma combinação peculiar de amistosidade e antagonismo. O comportamento é tal, que em qualquer outro contexto social exprimiria e suscitaria hostilidade; mas não é entendido seriamente e não deve ser tomado de modo sério. Há uma pretensão de hostilidade e real amistosidade”.

Em termos de cultura popular, a brincadeira ou brinquedo corresponderia a um jogo, cuja estratégia implicaria necessariamente em um segredo de quem joga, condição fundante para surpreender e lograr êxito sobre um contendor ou com que se joga.

O jogo ritualizado depende de códigos culturais, de um contexto e de quem joga, e diz sempre respeito a um segredo que se mantém enquanto estratégia do jogador frente a um antagonista, cujo propósito final é a defesa ou ameaça à honra de outrém.

Quanto ao “segredo”, Roger Bastide (1983) reconhece uma informação, um saber, sobre o qual se tem o poder de revelar ou não. Goffman (1982) visualiza esta mesma situação no controle expressivo dos sujeitos perante os outros, onde o comportamento não verbal constitui meio para o estabelecimento de relações interpessoais.

Entre o rito e o teatro em espaços públicos

É nessa perspectiva que sugerimos ler, entre o rito e o teatro, as brincadeiras nas praças públicas aonde se encontram os arraiais e nas ruas que se transformam em palco para as procissões e desfiles das Marchas de Lisboa em homenagem a Santo Antônio. Ao mesmo tempo, que reconhecemos certos aspectos religiosos e dimensões de entretenimento característicos e inerentes a pessoa e carisma do Santo para os seus respectivos fiéis ou mesmo admiradores. Voltamos, portanto, aos atributos inerentes ao próprio Santo, ou seja: um modelo moral de vida, auxílio nas questões que envolvem processos de territorialização, mediação de conflitos e assistência aos pobres e necessitados.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Enquanto um modelo moral de vida, parece-me que se trata de reconhecer um discurso e ethos religioso apregoados nos ritos católicos, que em última instância confirmariam uma comunidade moral chamada igreja. Tal como se observa nas novenas todo o dia 13 na cidade de Borba, nas procissões que saem a rua e cumprem trajetos determinados tanto em Borba como na Alfama em Lisboa, nos casamentos realizados no dia 13 de junho na igreja da Sé confirmando a importância deste sacramento tão caro a Santo Antônio, a liturgia da missa, entre outras formas ritualísticas.

Por outro lado, trata-se também do auxílio nas questões que envolvem processos de territorialização, como a defesa do próprio reino de Portugal diante dos mouros, as cruzadas promovidas no Norte da África, a condição de capitão do mato restituindo negros fugitivos aos senhores do Brasil colonial, bem como sentando praça em prol da defesa das invasões espanholas no Brasil. Destaque-se também a alteridade Mura à época da cabanagem; quando indígenas Mura combateram a favor e contra os Cabanos, sendo que aqueles que habitavam a cidade de Borba com a ajuda do Santo lograram êxito dos Cabanos nunca conquistarem a cidade de Borba. Saliente-se as práticas mágicas e o comércio de migrantes no âmbito das praças; dos bairros de Lisboa que se expressam nas Marchas e o sentido de uma “sociedade de bairro”, todos exemplos de formas de apropriação de territorialidades, mesmo que de forma efêmera, sob o signo festivo e religioso de Santo Antônio.

Quanto à função de mediação de conflitos, além da explicitação da própria situação que implicaria oposição de interesses, espera-se com a intercessão do Santo tolerância e possibilidades de mediação quando se esgota o diálogo, tal como se verifica nas reivindicações de moradores da Alfama e dos escoteiros da Sé contra as altas taxas das “licenças” pagas à Câmara de Lisboa. Posto que a Alfama só “pode andar se a Câmara não empatar”.

E, por fim, a assistência aos pobres e necessitados, que nos sugere em termos de espaço público o exercício do direito de cidadania dos próprios fiéis, enquanto formas populares de se viver o catolicismo que se expressa nas ruas e praças dando lugar à música do Gambá e a pequena orquestra que “embala” as procissões em Borba, os pagamentos de promessas com ex-votos e busca de alguma graça com a intercessão de com múltiplos simbolismos mágicos e religiosos, consumos culturais não somente de bens religiosos mas também práticas seculares que de diferentes formas ressignificam devoção e fé com necessidades mundanas,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

como as mechas do cabelo de um ribeirinho do interior da Amazônia que vem pagar promessa, mas que também aproveita a oportunidade para fazer um corte estilo country em uma tenda improvisada de cabeleireiro na cidade santuário de Borba, lugar santo, de Santo Antônio.

É nessa perspectiva que nos situamos, tanto em Lisboa como em Borba, sob o signo de Santo Antônio, entre o rito e o teatro, o religioso e o divertimento, o jogo e o segredo, múltiplas faces dos eventos que tomamos para comparação.

Referências bibliográficas

ABEL, Marília. (2006) As marchas populares: pesquisa sobre as origens. Lisboa, Sete caminhos.

AMOROSO, Marta Rosa (1999) Corsários no caminho fluvial: os Mura do rio Madeira. In: *História dos índios no Brasil*. Manuela Carneiro da Cunha (org.). São Paulo, Companhia das Letras.

ANDRADE, Mário de (1976) O turista aprendiz. São Paulo, Livraria Duas Cidades: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia.

_____. (1982) Danças dramáticas do Brasil. Volumes 1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; Brasília: INI, Fundação Nacional Pró-Memória.

ANDRADE, Moacir (1978) Alguns aspectos da antropologia cultural do Amazonas. Manaus, Casa Editora Madrugada.

ARAÚJO, Renata Malcher de (1998). As cidades da Amazônia no século XVIII – Belém, Macapá e Mazagão. Porto, Portugal, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

ANTONY, Leandro (1976) Folclore amazonense. Manaus, Fundação Cultural do Amazonas.

BATES, Henry Walter (1979) Um naturalista no Rio Amazonas. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

CASTRO, Ferreira de (1989) A selva. Portugal – Lisboa, Guimarães Editores LDA.

CUNHA, Antonio Geraldo da (1999) *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem Tupi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

DOUGLAS, Mary (1991) Pureza e perigo. Lisboa: Edições 70.

DURKHEIM, Émile (1989) As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Edições Paulinas.

FERRARINI, Sebastião A. (1981) Borba: A primeira vila do Amazonas. Manaus: Ed. Metro Cúbico.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. (1995) Um natal de negros: esboço etnográfico sobre um ritual religioso num quilombo amazônico. In: Revista de Antropologia. Volume 38, número 2. São Paulo, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FIRMINO DA COSTA, António (1999) Sociedade de bairro. Oeiras (Portugal), Celta Editora.

FONSECA, Maria Cecília Londres (2005) O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ; MINC-IPHAN.

FREYRE, Gilberto. (1983) Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: José Olímpio.

FREIRE, José Ribamar Bessa (org.) (1994). A Amazônia colonial (1616-1798). Manaus, Editora Metro Cúbico.

FRY, Peter (2005) A persistência da raça. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

GALVÃO, Eduardo (1955) Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá; Amazonas. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

LEFEBVRE, Henri (1991) O direito à cidade. São Paulo, Editora Moraes.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira & BEERRA, Márcia (org.) (2006) Os caminhos do patrimônio no Brasil. Goiânia, Alternativa.

MANTECÓN, Ana Rosas (2005) Las disputas por el patrimonio – transformaciones analíticas y contextuales de 10d problemática patrimonial em México. In: CANCLINI, Nestor Garcia (org.) La antropologia urbana em México. México: Conaculta, UAM, FCE.

MARINO, João (1996) Iconografia de Nossa Senhora e dos Santos. São Paulo, Banco Safra – Projeto Cultural.

MATTA, Roberto da. (1978) Apresentação. In: VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Petrópolis, Vozes.

_____. (1981) Relativizando: uma introdução à antropologia social. Petrópolis, Vozes.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MAUSS, Marcel (1974) As técnicas corporais. In: Sociologia e Antropologia. Volume II. São Paulo, EPU.

_____. (1974) Ensaio sobre a dádiva In: Sociologia e Antropologia. Volume II. São Paulo, EPU.

MENÉNDEZ, Miguel A. (1999) A área Tapajós-Madeira: situação de contato e relações entre colonizador e indígenas. In: *História dos índios no Brasil*. Manuela Carneiro da Cunha (org.). São Paulo, Companhia das Letras.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. (1972) Folclore: danças dramáticas. Série Turismo, Julho de 1972. Volume 2. Manaus, Empresa Amazonense de Turismo.

_____. (1979) Danças folclóricas singulares. Manaus, Jorge Tufic Editor.

_____. (1983) Cultos de santos e festas profano-religiosas. Manaus, Imprensa oficial.

MOREIRA, Maria. Lenda de Santo Antônio: Santo Antônio procurava seu lugar no rio Madeira e escolheu Borba. Borba, s/d, mimeo.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. (1995) Lisboa (Portugal) , Publicações Dom Quixote.

OTTO, Rudolf. (2007) Lo santo: lo racional y lo irracional em 11d 11dea de dios. Madrid, Alianza Editorial.

PEREIRA, Nunes. (1989) O Sahiré e o Marabaixo. Recife, Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana.

PRIORE, Mary Del. (1994) Festas e utopias no Brasil colonial. São Paulo, Editora brasiliense.

REIS, Arthur César Ferreira. (1989) História do Amazonas. Belo Horizonte, Editora Itatiaia.

_____. (1953) O seringal e o seringueiro. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura.

_____. (1997) A conquista espiritual da Amazônia. Manaus, Governo do Estado do Amazonas, Editora da Universidade do Amazonas.

RODRIGUES, J. Barbosa (1887) Amazonense. Rio de Janeiro, Annaes da Biblioteca Nacional, Volume XIV.

SALLES, Vicente. (1971) O negro no Pará. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas; Belém do Pará, Universidade Federal do Pará.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

SILVA, Milton Vieira da. (2002) Festas populares e suas origens. Curitiba: AD. SANTOS Editora.

VAINFAS, Ronaldo. (2000) Brasil de todos os santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WAGLEY, Charles (1988) Uma comunidade amazônica. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.